

## ENTREVISTA

Araceli Onorio é licenciada em Musicoterapia, especialista em Técnicas Corporais Terapêuticas. Formada na Universidad del Salvador – USAL, em 1978 com o título de Musicoterapeuta, obtendo seu título como licenciada em Musicoterapia no ano de 2004, na mesma universidade. Formada na Escola de Psicologia Social Dr Enrique Pichón Riviere em 1981 e pós-graduada em Técnicas Corporais Terapêuticas na USAL, 2005. Mantém sua trajetória profissional colaborando com instituições no âmbito preventivo, comunitário e educativo, em todos os níveis. É professora e pesquisadora no Ensino Superior.

**InCantare** - Olá, Araceli. Muito prazer. Sou Andressa, musicoterapeuta brasileira. Como você está?

**Araceli** - Muito bem, muito bem.

**InCantare** - Ótimo, me conta como é seu trabalho, como você trabalha com a musicoterapia.

**Araceli** - Bem. O que você sabe sobre mim?

**InCantare** - Nada.

**Araceli** - Eu tenho 63 anos, ou seja, tenho muita experiência de vida e como musicoterapeuta. Fui a terceira geração de musicoterapeutas da carreira da Universidad del Salvador. Me graduei no ano 79. Depois disso, tive a sorte de ser convidada para trabalhar com o Doutor Benenzon, não sei se você tem algum livro dele?

**InCantare** - Sim, sim.

**Araceli** - Ele me convidou para trabalhar no seu centro e trabalhei três anos com a estimulação de crianças autistas, mas apareceu uma oportunidade junto com o pai dos meus filhos que é musicoterapeuta também, para ir trabalhar no México. Estive trabalhando lá por 16 anos.

**InCantare** - E agora você está em Buenos Aires?

**Araceli** - Sim, entre 1997 e 1999 voltei para Buenos Aires. Até então estive trabalhando no México e foi ali que comecei a desenvolver o trabalho na musicoterapia social. Aqui trabalhei com a clínica. Eu sou psicóloga social além de musicoterapeuta e sempre tive interesse em trabalhar o social na musicoterapia. Comecei a fazê-lo quando morava no México, então devo ser uma das primeiras musicoterapeutas a trabalhar o social porque todas as pessoas que começaram na área social na Argentina, começaram depois, primeiro trabalharam na clínica. Isto aconteceu nos últimos anos quando eu não morava na Argentina. Então, comecei a trabalhar lá. Fui contratada pelo Estado no Desenvolvimento Integral da Família - DIF, no estado de Tabasco, perto do golfo do México. Ali trabalhei 16 anos e desenvolvi a parte social tanto em residenciais como com crianças em situação de rua.

**InCantare** - Perfeito.

**Araceli** - Comecei ali. Depois decidi voltar por diversos motivos. O pai dos meus filhos ficou no México. Eu voltei com meus filhos para Buenos Aires. Tinha como assinatura pendente me graduar no bacharelado porque quando viajei para México não existia o bacharelado na Argentina. Quando voltei, a Gabriela Wagner me convidou...ela foi presidenta da World Federation of Music Therapy - WMTF e da Associação Argentina de Musicoterapia. Uma excelente profissional e pessoalmente eu a aprecio muito, temos muitos anos de amizade. Ela foi quem me solicitou que eu fizesse o bacharelado em exceção porque já tinha muitos anos como musicoterapeuta. Ela estava na Universidade de El Salvador onde tinha este bacharelado de exceção onde eu poderia assistir já que tinha muitos anos como musicoterapeuta fora do país. Me graduei e conheço a Patricia Pellizzari, ela foi docente no curso de bacharelado que fiz e conheço também, uma nova geração de musicoterapeutas comunitários e como elas os chama, em prevenção. Fiz minha pesquisa com um colega, Oscar Fernández, dentro do que seria “a diferença entre o olhar do professor de música e o olhar do musicoterapeuta no âmbito educativo”. Fizemos a pesquisa e a tese. Nesse momento da tese, aconteceu o Congresso Mundial de Musicoterapia aqui na Argentina. Eu trabalhava na secretaria da ASAM - Associação Argentina de Musicoterapia, e estava encarregada de receber todos os trabalhos e consultas de todos os musicoterapeutas que

se inscreveram no congresso. Fui também a secretária do congresso e não consegui dormir durante um ano inteiro porque recebia as ligações e mensagens de todos os lugares e tinha que responder tudo. Ninguém podia ficar de fora. Fui parte dessa odisséia, a presidenta foi Gabriela Wagner, Patricia era parte da comissão de recepção de trabalhos, era uma equipe muito linda. Foi muito trabalho. Partindo disto, foi aberta a carreira de musicoterapia na UBA (Universidade de Buenos Aires) e fomos convidados, Oscar Fernández e eu para apresentar esta pesquisa na universidade. A reitora assistiu a nossa apresentação porque tinham interesse em que esta assinatura fosse parte do bacharelado. Então, fomos contratados pela universidade e damos aula de Musicoterapia no âmbito socioeducativo. Eu sou responsável pela prática e Oscar pela parte teórica. Ao mesmo tempo, ao entrar na UBA, fui convidada para formar parte do estágio educacional e comecei a trabalhar como JTP (chefe de trabalho prático). Como JTP comecei a trabalhar nas escolas regulares do Estado, não de educação especial, em bairros marginais e ali faço uma pesquisa na que se baseia um livro meu chamado Musicoterapia Social.

**InCantare** - Perfeito.

**Araceli** - O que queria te contar é que meu âmbito de trabalho é nos centros comunitários, numa escola especial e num jardim de infância, e diferentes lugares onde pode acontecer o estágio. Ao trabalhar com os estudantes, um dos trabalhos que tenho é como professora de educação superior dando aula para estudantes que darão aulas no nível inicial, especial e normal. Então, fui convidada para participar de um projeto chamado "*Cultura de pasillo*", você pode conhecê-lo por meio da página do projeto na internet. Fomos convocados e pediram assessoramento para uma oficina de percussão e começamos a trabalhar durante dois anos com os estágios. Surge então um livro da EUDEBA chamado "*Cultura de pasillos. Análisis de una experiencia sociocomunitaria*". A editorial é da Universidade de Buenos Aires, somente eles vendem os livros. A partir deste trabalho que fiz com as crianças da escola regular, a escola de Avellaneda, deste seguimento que fiz por dois anos, as crianças de segundo ano se chamaram a eles mesmos "os dinossauros". Eu perguntei, por quê? Eles responderam que era porque eles eram fortes e poderosos. Percebi que essa fortaleza que aparentavam ter era uma defesa contra

a marginalização que a mesma escola aplicava neste grupo. Então, este grupo que eu tinha que “atender” segundo a escola, que não tinha limites, que transgredia as normas, infelizmente eles se sentiam agredidos pela situação. Não se sentiam compreendidos. Eu tomei isto como amostra do que acontecia na maioria dos grupos de crianças das escolas marginadas onde não tinham contenção dentro da escola. Então, trabalhamos com este grupo, os dinossauros, e consegui entender como ao longo dos encontros (não falo de sessões, falo de encontros de musicoterapia e não falo de prevenção, falo de promoção de saúde). A partir disto, desta diferença que foi chave, conseguimos acompanhar este grupo na transformação das crianças que se sentiam agredidas e precisavam agredir, em crianças que se sentiam contidas e conseguiam produzir entre eles, como grupo para se fortalecer e mostrar aos outros que tinham também coisas para apresentar e que podiam ser criativos. Isto foi o motivo de trabalho com eles. Ao mesmo tempo, eu estudava a especialização em pedagogia social. Pensei que como musicoterapeuta e psicóloga social, faltava este aspecto, a compreensão da pedagogia social. O que acontecia na escola? Qual a nova forma de olhar a escola e o pedagógico dentro da escola? Este novo olhar me foi dado pelo Paulo Freire, você deve conhecer, a educação popular que aqui na Argentina é muito bem trabalhada pela Claudia Karol e o trabalho da Violeta Nuñez, uma pedagoga social que teve que sair exilada da Argentina e cria a Universidade de Pedagogia Social em Barcelona. Esta é uma nova escola na área da pedagogia social para poder compreender o que está acontecendo dentro das paredes da escola hoje, que não é a mesma coisa que estar na escola num outro momento histórico. Então, este trabalho que eu fazia coincide com o trabalho que estudei na FLAXO (faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais) que tem filiais em diferentes lugares da América Latina. Este curso que fiz é a aplicação na escola da psicanálise, ou seja, uma psicanálise aplicada, não fazer psicanálise dentro da escola, mas fazer uma leitura da escola desde a psicanálise, entende? É complexo mas isto me permitiu compreender a musicoterapia social desde estes três pontos de vista, o primeiro é como se fundamenta a musicoterapia social desde a pedagogia social, segundo, como se fundamenta dentro da psicologia social e dentro da musicoterapia social. Isto me permitiu entender o que chamo de musicoterapia social e abrange o sociocomunitário.

**InCantare** – Sociocomunitário?

**Araceli** - O sociocomunitário seria poder entender a musicoterapia em promoção de saúde, não como musicoterapia preventiva. Por um lado, na promoção de saúde e por outro um olhar que tem a ver com prover ferramentas e que o musicoterapeuta seja acompanhante do processo que somente o grupo conhece e deseja. Não o que eu planejo. Eu não planejo nenhum processo, eu acompanho o grupo no que ele deseja. É um pouco o que a Maritza Montero coloca para a psicologia comunitária. Ela diz que tem que acompanhar as comunidades e não somos nós que marcamos o rumo da comunidade, é a comunidade que pede o acompanhamento para o rumo que quer seguir. Agora, a determinação para que eu acompanhe uma comunidade ou grupo é que esteja dentro do marco dos direitos humanos. Então, se eu acompanhar um grupo, uma comunidade que deseja alcançar estes objetivos, mas se afasta dos direitos humanos, ou seja, se tem falta de respeito ou se há um caminho diferente, então eu retiro meu apoio e me afasto.

**InCantare** - Tenho uma dúvida, o objetivo desta musicoterapia sociocomunitária é ajudar na luta pelos direitos humanos em linhas gerais?

**Araceli** - Primeiramente o objetivo é a promoção de saúde nos âmbitos educativos e comunitários. O objetivo principal é a escuta. Se não tiver escuta, não há compreensão nem diálogo. Então, nosso trabalho é pela escuta. Uma escuta significa aprender a escutar. Nos escutar nós mesmos e escutar o outro, que não é fácil. Então, primeiro objetivo é a promoção de saúde. Segundo, essa promoção vai acontecer pela musicoterapia quando colocamos como ponto fundamental a escuta. Depois da escuta, vem aquilo que interessa ao grupo ou ao comunitário. Eu não me importo com o que a escola quer com esse grupo, me importo com o que o grupo quer. Eu sou contratada para trabalhar com o grupo de segundo e terceiro grau e a escola me diz que esse grupo não tem regras, diz que não tem limites, que é mal educado, diz que não valora a bandeira por exemplo. Eu não vou negar o que a instituição fala. Vou perguntar a esse grupo o que está acontecendo que a instituição pensa isto deles, mas não vou trabalhar para que eles mudem como eles são para deixar a instituição feliz. Vou tentar que eles entendam que se querem ficar dentro da escola ou da instituição, tem que saber que tem regras e não podem ficar surpresos

de que a instituição peça algumas coisas a eles. Vamos dialogar e entender por que eles se comportam de determinado jeito, o que está acontecendo, quais coisas deveriam falar com a instituição e que coisas pedir, isto é o que vamos ver tratar na musicoterapia. Quer dizer que a instituição soa de determinado jeito, soa falando tal o qual coisa, bem, como eles soam? Como eles se fazem escutar? Então, eu sei que todo grupo tem diferentes momentos durante um processo. Sei que vai ter um grupo no início que frente a quaisquer situações de processo, não vou falar terapêutico, processo de saúde com olhar terapêutico, vai se defender. Sei isto porque todo grupo vai se defender. Primeiramente, o grupo vai ficar em bandos e não vai deixar ninguém entrar ali. Eu tenho que respeitar isto. Nesta primeira etapa de respeito, eles vão observar que eu os respeito e os escuto e valorizo suas produções. Então vai chegar um momento que vai ter uma quebra, mas não minha. A quebra vai acontecer pelo grupo mesmo. Quando surge esta quebra vai surgir uma diferenciação. Não são mais indiferenciados, vão se diferenciar. Por exemplo, alguém vai falar: “não quero cantar esta música”, “a gente já cantou isso, eu quero uma outra” e é ali que eles começam a se diferenciar. Isto é bom, é saudável porque o grupo começa a mostrar as suas diferenças e é ali que aparecem as subjetividades. As subjetividades não vão aparecer dentro de uma massa global [...] vão começar a se distinguir. Eu chamo esse primeiro momento da metodologia, o momento de olhar e escutar e somente faço isso. Olho e escuto e as vezes leva muito tempo, vários encontros. Então, você vai me perguntar se eu proponho, Não! Eu não proponho. Eu só proponho a criação de situações para eles se mostrarem. Por exemplo, vou pedir para eles se juntarem formando três grupos como eles quiserem e vou pedir para cada grupo apresentar uma produção sonora no aqui e agora, qualquer uma, como eles gostem. Pode ser uma canção, um jogo musical, o que eles gostem, o que queiram, o que sintam vontade. Então, eles se sentem com a liberdade de escolher. Primeiramente a liberdade para se escolherem entre eles, eu proponho que se juntem de certo jeito, mas eles podem fazer isto como eles gostem. Segundo, peço para apresentarem o que eles sintam vontade de apresentar e cada um vai apresentar alguma coisa. Alguns apresentaram uma canção, outros um jogo musical, outros uma parlenda, outros não conseguiram apresentar nada. Nada do que os grupos apresentam significa que o grupo é de tal ou qual jeito. Significa que o grupo está me mostrando diferentes aspectos

que tem e que funciona e atua como grupo, entende? Eu continuo respeitando o que eles querem apresentar. Primeiro, eu tiro do meu vocabulário a palavra intervenção. Devo ser a única musicoterapeuta no mundo que apaga a palavra intervenção do seu vocabulário e sou conseqüente. Você vai perguntar, por quê? Porque a palavra intervenção é usada por efeito e defeito. Outros utilizam intervenção, os psicólogos utilizam intervenção, nós também usamos, sem analisar o significado.

**InCantare** - Qual palavra você utiliza?

**Araceli** - Penso que a palavra intervenção, se eu procuro no dicionário, vem da operação cirúrgica. Então eu corto um pedaço de algo e opero. Isto seria a intervenção desde meu ponto de vista. Agora, no social, a intervenção é o que tem ferido a América Latina durante a sua história. Governos tem intervindo, tem intervindo em situações democráticas. Tem se intervindo. As forças armadas intervêm e não gosto de utilizar uma palavra que está misturada com esse tipo de questões impositivas na nossa América. Então, como fala Violeta Nuñez e Maritza Montero também, a palavra é participar. Nós participamos desde um rol diferente, o de coordenador musicoterapeuta, desde ali participamos, mas não temos o direito de intervir num grupo. Tenho elementos para participar, me formei para isto, para participar desde meu papel porque eu não participo como integrante do grupo, entende?

**InCantare** - Sim, adoro esse ponto de vista.

**Araceli** - Não participo porque não sou parte do grupo de crianças ou de adolescentes ou dos adultos. Eu sou parte da equipe técnica. Como parte da equipe posso participar segundo meu papel. Então, eu não tenho motivos para intervir, eu sei que vou participar. Meu primeiro ponto na metodologia vai ser escutar, nesse momento inicial de olhar e escutar, simplesmente vou propor que o grupo se apresente com a maior confiança possível. Por exemplo, estamos com um grupo de crianças com instrumentos no centro, no terceiro encontro. Eu proponho cantar uma canção, eles escolhem uma, muito cuidadosos escolhem uma que se canta na escola. Todos cantamos a canção porque eles insistem que eu cante junto, então eu canto. Deixo os instrumentos no centro e não falo mais nada. Fico em silêncio, coisa que muitos não fazem. Espontaneamente, eles pegam nos instrumentos

e começam a cantar algo que aqui na Argentina é conhecido como “*canto piquetero*”, de “*piquete*”, cortar as ruas e fazer um “*piquete*”. Eles cantam “*pi – que – teros carajo! Pi – que – teros carajo!*” que é o que os “*piqueteros*” cantam quando cortam as ruas. Eles são filhos de “*piqueteros*”, ou seja, a sua identidade neste momento é essa. Sua identidade sonora era essa mais do que a canção que aprenderam na escola, entende? Porque isto surgiu espontaneamente. Então, começam a surgir o que a Patricia chamou os modos vinculares. Patricia Pellizzari fala dos modos vinculares, bom, eles começam a surgir e aparecem como uma banda, todos somos iguais. Somos todos *piqueteros*, todos iguais, não nos diferenciamos e para que fique claro estamos contra você, entende? E eu não fico brava, nem fico surpresa. O que vou fazer sempre é colocar eles no enquadre, o que é fundamental para mim, colocar eles no enquadre do nosso trabalho, ou seja, estamos aqui neste momento, sentamos no círculo e enquanto a gente estiver aqui, vai trabalhar e o que acontecer aqui não sai para fora. Vocês podem contar, mas a gente como equipe não. Se eles falarem palavrões, aqui serão contidos. Não vamos falar que é errado, mas tem que lembrar que a escola tem regras da porta para fora. No segundo momento, que acontece depois de vários encontros quando surge esta quebra e começa a diferenciação, é o momento da compreensão. Na compreensão é o momento de compreender qual é o sentido do que eles tentam mostrar, do que eles cantam, do que eles tocam, do que executam. Neste momento de compreensão é quando eu começo a pensar do que é que serve a teoria, ou seja, para quê. Se este grupo se apresenta desta forma então posso entender que tudo aquilo que eu estudei serve para trabalhar com eles. Ali chega o momento de participar, ali é onde vou participar com propostas que acho que podem servir para que o grupo chegue ao objetivo. Qual é o objetivo de um grupo na escola? Porque os objetivos mudam. Acho que se uma vez que eles consigam escutar e se escutar, vão se respeitar. Quando sentem que eu os escuto, irão se sentir valorizados, quando dou elementos, irão se sentir mais fortes. Então, o fortalecimento, a prevenção, a comunicação com as vias saudáveis vão dar como resultado um aprendizado, mas não um aprendizado cognitivo, um aprendizado dos modos vinculares e isso é o que procuramos. Qual é o aprendizado que este grupo tem que ter dentro da escola? Bem, tentar estar melhor entre eles na aula, compreender melhor a professora considerando o que acontece com ela. A gente trabalha na musicoterapia sem a professora,



trabalhamos a mochila que a professora leva. Trabalhamos com o que ela carrega, o que ela tem dentro. Então, quando compreendem o que acontece com a professora quase que vão para a aula beijá-la e a professora não entende o que está acontecendo. Porque eles olham a professora a partir de um outro lugar, a partir do que acontece para que ela esteja brava com eles, por exemplo. É ali aonde a participação tem a ver com o que eles estão precisando para transformar seu modo vincular entre eles e com a escola, mas basicamente entre eles. Os guris de cultura de corredor que viram adolescentes, num bairro marginal que estava qualificado como o bairro mais perigoso de Buenos Aires, saiam na pracinha para tocar, você sabe como tocam os guris de cultura de corredor? Tocam com baldes de tinta. Não tocam tambores, tocam com lixo, baldes de metal. Essa é a sua identidade sonora. Eu não posso tirá-los dessa identidade, não posso, não tem sentido porque essa é a sua identidade sonora e tenho que respeitá-la. No início eles não tinham uma boa comunicação para produzir com os baldes alguma coisa positiva, como falaria o professor de percussão. Enquanto fomos trabalhando na musicoterapia, eles foram entendendo quais eram os seus vínculos entre eles e o porquê de não se escutar. Eles não se escutavam. Aprenderam a se escutar e a partir disso começaram a se relacionar de um jeito diferente. Agora eles saem para a praça do chamado “bairro mais perigoso” e tocam e não acontece nada com eles. As mães vão escutar eles e levam as crianças para brincar e escutar eles tocando. Então, partindo destas pesquisas, consegui montar uma metodologia de trabalho.

**InCantare** - Você chama de musicoterapia sociocomunitária? Ou social?

**Araceli** - Acho que a musicoterapia é social, mas cuidado...tem que definir o que é musicoterapia social e o que tem dentro dela. Por exemplo, não consigo pensar num processo musicoterápico que não tenha nenhum tipo de enquadre, ok? Tem que ter um enquadre, pode ser a rua, a escola, o lar mas tem que ter um enquadre porque o enquadre vai permitir a leitura dos processos musicoterápicos que acontecem dentro dele. Então, se eu cortar a rua e tocar frente aos carros e depois vou embora, não posso chamar isso de musicoterapia social. Por exemplo, se alguém cortar a rua, alguém que se para frente dos

carros e toca, um grupo tocando enquanto o sinal está fechado, depois o sinal abre e eles vão embora, não posso chamar isso de musicoterapia social. Eu não acho que isso seja musicoterapia social.

**InCantare** – Esse seu projeto da escola está acontecendo atualmente?

**Araceli** - Totalmente. Neste momento temos o projeto da escola laboral que pertence a educação especial, mas para jovens. São jovens que podem se formar num trabalho. Eles têm entre 18 e 25 anos e tem musicoterapia já faz um ano. Você está convidada a participar de alguns encontros para você vivenciar e conhecer um pouco da metodologia que utilizamos. A melhor coisa é estar e vivenciar. A parte teórica serve, mas vivenciar...

**InCantare** - Perfeito. Adoro seu trabalho. Muito obrigada por falar comigo e compartilhar a sua experiência. Até logo.

**Araceli** – Até logo, prazer Andressa.

A entrevista foi realizada no dia 05 de dezembro de 2017 por Andressa Dias Arndt<sup>1</sup>, como parte de sua pesquisa de doutorado, orientada por Kátia Maheirie<sup>2</sup>. A transcrição e tradução da entrevista foi feita por Paula Meliante<sup>3</sup>.

---

1 Graduada em Musicoterapia pela Universidade Estadual do Paraná, Campus de Curitiba II - FAP. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Trabalha como professora adjunta na Universidade Estadual do Paraná, Campus de Curitiba II – FAP, Brasil.

2 Doutorado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (2001). Professora Titular na Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

3 Paula Meliante é musicoterapeuta, professora e coordenadora do Bacharelado em Musicoterapia no CE-DIIAP (Montevideu, Uruguai).

## ENTREVISTA

Araceli Onorio es licenciada en Musicoterapia, especialista en Técnicas Corporales Terapéuticas. Egresada de la Universidad del Salvador – USAL, en 1978 con el título de Musicoterapeuta obteniendo la Licenciada en Musicoterapia en el año 2004 en la misma Universidad. Egresada de la Escuela de Psicología Social Dr Enrique Pichón Riviere en 1981 y del Postgrado en Técnicas Corporales Terapéuticas en la USAL, 2005. Continúa su trayectoria profesional colaborando con Instituciones oficiales en los ámbitos preventivos, comunitarios y educativos en todos los niveles. Profesor-Investigador en Educación Superior.

**InCantare** - Hola, mucho gusto, soy Andressa, musicoterapeuta brasileña. ¿Cómo estás?

**Araceli** - Muy bien, muy bien.

**InCantare** - ¡Perfecto! Entonces, cuéntame, ¿cómo es tu trabajo? ¿Cómo trabajas con la musicoterapia?

**Araceli** - Bueno, tu ¿qué sabes de mí?

**InCantare** - Nada.

**Araceli** - Yo tengo 63 años, o sea que tengo mucha experiencia de vida y de musicoterapeuta. Yo fui la tercera generación de musicoterapeutas de la carrera de la Universidad del Salvador. Yo me recibí en el año 79. Después de eso, tuve la suerte de ser invitada a trabajar con el doctor Benenzon, no se si tienes algún libro de él.

**InCantare** - Si, si

**Araceli** - Él me invitó a trabajar en su centro y allí trabajé tres años con la estimulación de niños autistas, pero se dio una oportunidad con el padre de mis hijos, que también es musicoterapeuta, para ir a trabajar a Mexico. Entonces estuve trabajando en Mexico por 16 años.

**InCantare** - ¿Ahora estas en Buenos Aires?

**Araceli** - Si, entre el 1997 y el 1999 yo regreso a Buenos Aires, pero hasta esa época estuve en Mexico y allí es donde empecé a desarrollar el trabajo de musicoterapia social. No lo había hecho aquí porque trabajaba en clínica. Además de musicoterapeuta soy psicóloga social y siempre me interesó trabajar lo social en musicoterapia. Empecé a hacerlo cuando estaba viviendo en Mexico, así que debo ser una de las primeras musicoterapeutas en trabajar lo social porque toda la gente que empezó a hacerlo en Argentina, fue posterior, porque empezaron trabajando con la clínica. Fue en los últimos años porque no estaba en Argentina. Bueno, empecé a trabajar allá. Me contrataron para el Estado en lo que se llamaba, se llama todavía Desarrollo Integral la Familia, DIF, en el Estado de Tabasco, cerca del Golfo de México y allí trabajé durante 16 años y desarrollé toda la parte social tanto en casa hogar como con niños de la calle.

**InCantare** - Perfecto.

**Araceli** - Ahí fue mi inicio. Luego decidí regresar por varios motivos. El padre de mis hijos se quedó en México. Yo me volví con mis hijos a Buenos Aires. Tenía el pendiente de terminar mi licenciatura porque cuando yo partí a México no existía la licenciatura en Argentina. Cuando volví me invita Gabriela Wagner... Ella fue la presidenta de la World Federation of Music Therapy - WMTF y presidente de la asociación argentina de musicoterapia. Excelente profesional y personalmente la aprecio mucho porque tenemos muchos años de amistad. Ella fue la que me pidió que yo hiciera la licenciatura en excepción porque ya tenía muchos años de musicoterapeuta y ella estaba en la universidad del Salvador esta licenciatura de excepción a la que yo tenía derecho porque tenía muchos años de musicoterapeuta en el exterior del país. Terminé la licenciatura, ahí la conozco a Patricia Pellizzari, ella fue docente en un curso en la licenciatura de excepción y allí me contacto con una nueva generación de musicoterapeutas comunitarios y como ella los llama en prevención. Hice mi investigación con un compañero, Oscar Fernandez, la hice dentro lo que sería "la diferencia de la mirada del profesor de música y la del musicoterapeuta en el mismo ámbito educativo". Por ese motivo hicimos la investigación e hicimos la tesis. Esa es la tesis que hicimos y en ese momento se hizo en Argentina el congreso mundial de musicoterapia. En ese momento

yo estaba como prosecretaria de ASAM - Asociación Argentina de Musicoterapia, me tocó recibir todos los trabajos y consultas de todos los musicoterapeutas que se inscribieron en el congreso. También me tocó ser la prosecretaria del congreso, con lo cual no dormí durante un año entero porque recibía llamadas y mensajes de todos lados y tenía que mandar las fórmulas de como inscribirse y no podía dejar a nadie afuera. Formé parte de esa odisea, la presidenta fue Gabriela Wagner, Patricia estaba en la comisión de recepción de los trabajos, fue un equipo muy lindo. Fue mucho trabajo. A partir de allí hay una apertura de la carrera de musicoterapia en la UBA y nos invitan con Oscar Fernandez a presentar esta investigación en la Universidad de Buenos Aires. Nos fueron a ver hasta la rectora porque estaban interesados en que esta materia formara parte de la curricula de la licenciatura. A partir de eso nos contrata la Universidad de Buenos Aires y estamos dando la cathedra Musicoterapia en el ámbito socioeducativo, con Oscar Fernandez, yo estoy a cargo de la parte práctica y él de la teórica. Simultáneamente, al entrar en la Universidad de Buenos Aires, me invitan a formar parte de la pasantía educacional y empiezo a trabajar como JTP (jefe de trabajo practico). Estando como JTP empiezo a trabajar en las escuelas comunes, del Estado pero no de educación especial, están en barrios marginales y realizo una investigación que luego dio pie al libro que yo tengo que se llama Musicoterapia social

**InCantare** - Perfecto.

**Araceli** - Lo que quería comentarte es que mi ámbito de trabajo es en los centros comunitarios una escuela especial, en un jardín y en los distintos lugares donde se puede llevar a cabo la pasantía. Al trabajar con los estudiantes, uno de los trabajos que yo tengo es como profesora de educación superior dando clase para estudiantes que van a dar clase en el nivel inicial, especial y común. Entonces me invitan estos estudiantes a participar de un proyecto que se llama "Cultura de pasillo", puedes entrar a la página porque ellos tienen el proyecto subido a la web. Nos convocan y nos piden asesoría para el taller de percusión y entramos con la pasantía a trabajar con ellos durante dos años. Allí surgió el otro libro que se llama "Cultura de pasillos. Análisis de una experiencia sociocomunitaria". La editorial es de la Universidad de Buenos Aires, solo ellos lo venden. A partir del trabajo que yo hice con los chicos de la escuela común, la escuela de Avellaneda, este seguimiento por dos años

de niños de segundo que se autodenominaron “los dinosaurios”. Yo les pregunté por que? Ellos dijeron que era porque eran fuertes y poderosos. Me di cuenta de que esa fortaleza que ellos aparentaban tener era una defensa contra la marginación que la misma escuela estaba haciendo hacia ese grupo. Entonces, este grupo al que había que “atender” según la escuela, que no tenía límites, que transgredía las normas, lamentablemente ellos se sintieron atacados por esta situación. No se sintieron comprendidos. Y yo lo tomé como muestra de lo que pasa en la mayoría de los grupos de niños de las escuelas marginadas donde no tienen una contención dentro de la escuela. Entonces trabajamos con este grupo, los dinosaurios y yo pude entender como a lo largo de los encuentros (no hablo de sesiones, hablo de encuentros de musicoterapia y no hablo de prevención, hablo de promoción de salud). A partir de esto, de esta diferencia que fue clave, pudimos acompañar a este grupo en la transformación de niños que se sentían atacados y necesitaban atacar, en niños que se sentían contenidos y que podían producir entre ellos como grupo para poder fortalecerse y poder mostrar a los demás que ellos también tenían cosas para mostrar y podían ser creativos. Esto fue el motivo del trabajo con ellos. Al mismo tiempo yo estaba haciendo pedagogía social que es una especialización. Pensé que como musicoterapeuta y psicóloga social me faltaba el aspecto de comprender la pedagogía social. Que estaba pasando en la escuela, que nueva manera había de mirar la escuela y lo pedagógico dentro de la escuela. Esta nueva mirada me la dio por un lado todo el trabajo de Paulo Freire, que lo tienes que conocer, la educación popular que aquí en Argentina está muy bien llevada por Claudia Korol y el trabajo de Violeta Nuñez que es una pedagoga social que tuvo que exiliarse de Argentina pero crea la universidad de pedagogía social en Barcelona. Esta es una nueva escuela del área de la pedagogía social para poder comprender que es lo que está pasando dentro de los muros de la escuela hoy, que no es lo mismo que habitar la escuela en otro momento histórico. Entonces, este trabajo que yo estaba haciendo coincide con el trabajo que estudié en FLAXO (Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales) que tiene sucursales en distintos lugares de Latinoamérica y que este curso que yo hice es la aplicación en la escuela del psicoanálisis, es decir un psicoanálisis aplicado, o sea no hacer psicoanálisis dentro de la escuela sino hacer una lectura desde el psicoanálisis de la escuela, se entiende? Es complejo pero todo esto me permitió comprender la musicoterapia social

desde tres puntos de vista diferentes, el primero es como se fundamenta la musicoterapia social dentro de la pedagogía social, segundo como se fundamenta dentro de la psicología social y dentro de la misma musicoterapia social. Esto me permitió entender lo que yo llamo musicoterapia social y que abarca lo que sería lo sociocomunitario.

**InCantare** - ¿Sociocomunitario?

**Araceli** - Lo sociocomunitario sería poder entender a la musicoterapia en promoción de salud, no como musicoterapia preventiva. En promoción de salud por un lado y por otro lado una mirada que tiene que ver con proveer herramientas y que el musicoterapeuta sea acompañante de un proceso que solamente conoce y desea el mismo grupo. No que yo lo planteo. Yo no planteo ningún proceso sino que acompaño al grupo en lo que el grupo desea. Es un poco lo que Maritza Montero plantea para la psicología comunitaria. Ella dice que hay que acompañar a las comunidades y que no somos nosotros los que marcamos el rumbo de una comunidad sino que es la comunidad la que pide acompañamiento para el rumbo que quiere seguir. Ahora, la determinación para que yo acompañe a una comunidad o grupo es que esté en el marco de los derechos humanos. Entonces si yo acompaño un grupo, una comunidad que desea llegar a esos objetivos, pero si se desvía de los derechos humanos, es decir, si hay falta de respeto o si hay un camino diferente entonces yo no apoyo y me retiro.

**InCantare** - Tengo una duda, ¿el objetivo de esta musicoterapia sociocomunitaria es ayudar en la lucha por los derechos humanos en líneas generales?

**Araceli** - En primer lugar, el objetivo es la promoción de salud en los ámbitos educativos y comunitarios. El objetivo fundamental es la escucha. Si no hay escucha, no puede haber comprensión ni diálogo. Entonces trabajamos por una escucha. Una escucha significa aprender a escuchar. A escucharnos a nosotros mismos y a escuchar al otro, que no es fácil. Entonces, primer objetivo es la promoción de salud, segundo, esa promoción se va a dar cuando desde la musicoterapia ponemos como punto fundamental la escucha. Después de la escucha vendrá aquello que interese al grupo o a lo comunitario. A mí no me interesa lo que la escuela quiera con ese grupo, me interesa lo que el grupo quiera. A

mí me contratan para trabajar con un grupo de segundo o de tercero y la escuela dice que ese grupo no tiene reglas, dice que no tiene límites, dice que es mal educado, dice que no valora a la bandera, por ejemplo. Yo no voy a contradecir lo que dice la institución. Yo voy a preguntar a ese grupo que le pasa que la institución piensa eso de ellos, pero no voy a trabajar para que cambien como son ellos para que la institución esté contenta. Sino que voy a tratar de que, si ellos quieren estar dentro de la escuela, o de la institución tendrán que entender ellos que las reglas de la institución son determinadas y que entonces no les tiene que extrañar que la institución les esté pidiendo ciertas cosas. Ahora, vamos a dialogar y a entender por qué ellos se comportan de determinada manera, que es lo que les está pasando, que cosas tendrían que hablar con la institución y que cosas pedirle y eso es lo que vamos a ver en musicoterapia. Es decir, la institución suena de determinado modo, suena diciendo tal o cual cosa, bueno, ¿Cómo suenan ellos? ¿Cómo se hacen escuchar? ¿Cómo se hacen oír ellos? Entonces, yo sé que todo grupo en un proceso tiene determinados momentos. Yo sé que va a haber un grupo inicial que, ante cualquier situación de proceso de grupo, no quiero decir terapéutico, proceso de salud con mirada terapéutica, se va a defender. Yo lo sé porque todo grupo se va a defender. Primero, el grupo va a hacer una banda y no va a querer que nadie entre ahí. Yo lo tengo que respetar. En esa primera etapa de respeto, ellos van a observar que yo los respeto a ellos y que los escucho y que valoro sus producciones hasta que va a pasar un momento en que va a haber una ruptura, pero no de mi parte. La ruptura se va a dar de parte del grupo. Cuando aparece esa ruptura lo que va a haber es un quiebre donde aparece la diferenciación. Ya no son más indiferenciados, se van a diferenciar. Por ejemplo, un ejemplo, “yo tengo ganas de cantar esta canción” va a decir uno de los integrantes “ya la cantamos, yo quiero cantar otra cosa” y ahí se empieza a diferenciar y esto es bueno y saludable porque el grupo va a empezar a mostrar las diferencias y dentro de esas diferencias, las subjetividades. No van a aparecer como una masa global [...], sino que se van a empezar a distinguir. Yo llamo al primer momento de la metodología, el momento de ver y escuchar en donde solamente hago eso. Veo y escucho y por ahí me lleva mucho tiempo, varios encuentros. Entonces me vas a decir, que, si yo propongo, No! Yo no propongo. Lo único que propongo es crear situaciones para que ellos se muestren. Por ejemplo, les voy a pedir que se junten en tres grupos como quieran, como



ustedes deseen y que cada grupo muestre como trabajan una producción sonora en el aquí y ahora, cualquiera, la que ustedes quieran, puede ser la elección de una canción, puede ser la elección de un juego musical, lo que ustedes quieran, lo que tengan ganas. Entonces ellos se sienten con la libertad de elegir. Primero la libertad de elegirse entre ellos, yo no les impongo que se junten de determinada manera, lo pueden hacer como ellos quieran. Segundo, les pido que muestren lo que ellos quieran mostrar y cada uno va a mostrar algo. Algunos mostrarán una canción, otros mostrarán un juego musical, otros mostrarán una rima, otros no podrán mostrar nada. Nada de lo que muestren los grupos significa que ese grupo es de tal o cual modo. Sino que significa que el grupo me está mostrando los distintos aspectos que tiene y que se conforma como grupo, ¿se entiende? Yo sigo respetando lo que ellos tienen ganas de mostrar. Primero yo borro de mi vocabulario la palabra intervención. Yo debo ser la única musicoterapeuta en el mundo que borra la palabra intervención de su vocabulario. Me hago cargo. Me vas a preguntar ¿por qué? Porque la palabra intervención se usa por efecto y por defecto. Otros usan intervención, los psicólogos usan intervención, nosotros también, sin analizar lo que significa.

**InCantare** - ¿Cuál palabra usas?

**Araceli** - Para mí la palabra intervención si yo la busco en el diccionario viene de operación quirúrgica. Entonces yo corto un pedazo de algo y opero. Eso sería la intervención desde ese punto de vista. Ahora, en lo social, la intervención es lo que ha dañado a América Latina en toda su historia. Han intervenido gobiernos, han intervenido situaciones democráticas. Se ha intervenido. Las fuerzas armadas intervienen y no me gusta utilizar una palabra que está mezclada en nuestra América con este tipo de cuestiones impositivas. Entonces, como bien dice Violeta Nuñez, no lo digo yo, y Montero también lo dice, la palabra es participar. Uno participa desde un rol diferente que es el rol del coordinador musicoterapeuta, desde ahí participa, pero no tenemos por que tener el derecho de intervenir en un grupo. Yo tengo elementos para participar, si los tengo y para eso me formé, para participar desde mi rol porque yo no participo como integrante del grupo, ¿se entiende?

**InCantare** - ¡Si! Me encanta ese punto de vista.

**Araceli** - No participo porque no soy parte del grupo de niños o de adolescentes o de adultos. Yo soy parte del equipo técnico. Como parte del equipo puedo participar con mi rol. Entonces no tengo por qué intervenir, yo ya sé que voy a participar. Mi primer punto de la metodología es ver y escuchar. Yo no voy a intervenir, voy a proponer, pero en ese escuchar, en ese momento inicial de ver y escuchar simplemente voy a proponer que el grupo se muestre con la mayor confianza posible. Por ejemplo, estamos con un grupo de niños con instrumentos en el centro, es el tercer encuentro. Les propongo cantar una canción, eligen una, muy cuidadosos, una canción infantil que se canta en la escuela. Cantamos todos la canción porque ellos quisieron que la cantara junto con ellos y yo canto la canción. Dejo los instrumentos en el centro y no digo más nada. Me llamo a silencio, cosa que pocos hacen. En eso, ellos espontáneamente toman otra vez los instrumentos y empiezan a hacer un canto que aquí en Argentina se llama canto piquetero. De piquete, de cortar las calles y hacer un piquete. Ahora te digo cual es el canto *“pi que teros carajo! Pi que teros carajo!”* eso es lo que cantaban los piqueteros cuando cortaban una calle. Ellos son hijos de piqueteros, por lo tanto, para ellos su identidad en ese momento era esa. Su identidad sonora era esa, más que la canción que la escuela les enseñó, se entiende. Porque esto lo hicieron espontáneamente. Entonces, empiezan a aparecer lo que diría Patricia, los modos vinculares. Patricia Pellizzari habla de modos vinculares, bien, empiezan a aparecer estos modos vinculares, pero aparecen como una banda, somos todos iguales. Somos todos piqueteros, somos todos iguales, no nos diferenciamos y además para que te quede claro, estamos en contra tuya, ¿se entiende? Y yo no me enojo, ni me sorprende. Lo que si hago va a ser siempre llevarlos dentro del encuadre, que para mí es fundamental, llevarlos dentro del encuadre de nuestro trabajo, es decir, estamos en este momento aquí, nos sentamos en circulo y mientras estamos aquí hasta que terminen vamos a trabajar y lo que pasa aquí no sale. Lo pueden contar ustedes, pero nosotros como equipo, no. Si dicen malas palabras, aquí se contienen. No vamos a decir que está mal, pero recuerden que de la puerta para afuera hay una norma en la escuela. El segundo momento, es después de varios encuentros cuando aparece esta grieta y se empiezan a diferenciar, ese segundo momento es el momento de comprensión. En la comprensión es el momento de comprender

cual es el sentido de lo que ellos están intentando mostrar, de lo que ellos cantan, de lo que ellos tocan, de lo que ejecutan. En ese momento de comprensión es cuando yo empiezo a pensar de que me sirve la teoría, o sea, para qué. Si este grupo se presenta de esta manera entonces yo puedo entender que de todo aquello que yo estudié que es lo que me va a servir para trabajar con ellos. Entonces viene el momento de participar. Ahí es donde voy a participar desde las propuestas que creo que claramente pueden llevar al grupo al objetivo. ¿Cuál es el objetivo de un grupo dentro de la escuela? Porque el objetivo varia, para mi es que si una vez que ellos logran escuchar y se escuchan, se van a respetar. Cuando sienten que yo los escucho, se van a sentir valorados, cuando les doy elementos, van a sentirse fortalecidos. Entonces, el fortalecimiento, la proovención, la comunicación con las vías saludables va a dar como resultado un aprendizaje pero no un aprendizaje cognitivo, un aprendizaje de los modos vinculares y eso es lo que se pretende. ¿Cuál sería el aprendizaje que este grupo dentro de una escuela tiene que tener? Bien, tratar de estar mejor entre ellos en el aula, comprender a la maestra en lo que le pasa. Porque nosotros por ejemplo trabajamos dentro de musicoterapia sin la docente, trabajamos la mochila que lleva la docente. Trabajamos que es lo que tiene ella adentro? Entonces cuando comprenden que es lo que le pasa a la docente casi te dirían que van al aula y le dan un beso y la docente no entiende porque la besan. Porque ellos ven a la docente desde otro lugar, desde lo que le pasa para estar enojada con ellos, por ejemplo. Es ahí donde la participación tiene que ver con lo que ellos van necesitando para transformar su modo vincular entre ellos y con la escuela. Pero básicamente entre ellos. Los chicos de cultura de pasillo que llegan a adolescentes, en un barrio marginal que estaba determinado como el barrio más peligroso de Buenos Aires, así te lo digo. ¿Ellos salían a la plaza a tocar? ¿Sabes con que tocan los chicos de cultura de pasillos? Tocan con tachos, baldes de pintura. No tocan con tambores, tocan con eso, con los tachos de lata. Esa es su identidad sonora. Yo no puedo sacarlos de esa identidad, no puedo, no tiene sentido porque esa es su identidad sonora, la tengo que respetar. Al principio ellos no tenían una buena comunicación como para producir con los tachos algo positivo, como diría el profesor del taller de percusión. A medida que fuimos trabajando en musicoterapia fueron entendiendo cual eran los vínculos que ellos tenían entre ellos mismos y porque no se escuchaban. No se escuchaban. Aprendieron a

escucharse y a partir de ahí empezaron a tener un modo diferente de relación. Ahora salen a la plaza del que fue catalogado el barrio más peligroso, salen y tocan y no les pasa nada. Las madres van y los escuchan y llevan a los chicos y juegan y los escuchan como ellos tocan. Entonces a partir de que pude hacer estas investigaciones, lo que hice fue construir esta forma de metodología que tengo para trabajar.

**InCantare** - ¿Tu la llamas musicoterapia sociocomunitaria? O musicoterapia social?

**Araceli** - Para mí es musicoterapia social pero cuidado... Hay que definir lo que es musicoterapia social y dentro de que está. Por ejemplo, yo no puedo concebir un proceso de musicoterapia que no tenga mínimamente un encuadre, ¿sí? Tiene que tener un encuadre, cualquiera, la calle, una escuela, un hogar, pero tiene que tener un encuadre. Porque el encuadre es lo que va a permitir que se lean, que se de lectura a los procesos musicoterapéuticos que pasan dentro de ese encuadre. Entonces, si yo corto una calle y toco delante de los autos y después me voy yo no puedo llamar a eso musicoterapia social. Por ejemplo. Si hay alguien que corta la calle, que para delante de los autos y tocan, un grupo que toca mientras está el semáforo en rojo. Luego el semáforo se pone en verde y se retiran, yo no puedo llamar a eso musicoterapia social. Yo no lo puedo llamar así. Para mí eso no lo es.

**InCantare** - ¿Este proyecto en las escuelas está sucediendo actualmente?

**Araceli** - Totalmente. Nosotros en este momento tenemos un proyecto en una escuela laboral. Esta escuela laboral pertenece a educación especial, pero a los jóvenes. Jóvenes que pueden acceder a formarse en un trabajo. Ellos tienen alrededor de 18 y 25 años y tienen desde hace un año una vez por semana musicoterapia. Estas invitada a venir a algunos de los encuentros para que puedas vivirlo y ver un poco la metodología que nosotros usamos. Lo mejor es poder estar y vivirlo. Después que te sirva la parte teórica, pero vivirlo...

**InCantare** - Perfecto. Me encanta tu trabajo. Muchas gracias por hablar conmigo, compartir su experiencia. Muchas gracias una vez mas. Hasta luego

**Araceli** - Hasta luego, un gusto Andressa.

La entrevista se realizó el 05 de diciembre de 2017 por Andressa Dias Arndt<sup>1</sup>, como parte de su investigación doctoral, guiada por Kátia Maheirie<sup>2</sup>. La transcripción y traducción de la entrevista fue realizada por Paula Meliante<sup>3</sup>.

---

1 Graduado en Musicoterapia por la Universidade Estadual do Paraná, Campus de Curitiba II - FAP. Doctora en Psicología por la Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Trabaja como profesora adjunta en la Universidade Estadual do Paraná, Campus de Curitiba II – FAP, Brasil.

2 Doctorado en Psicología (Psicología Social) por la Pontificia Universidade Católica de São Paulo, Brasil (2001). Profesor Titular de la Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.

3 Paula Meliante es musicoterapeuta, profesora y directora de la carrera en Musicoterapia no CEDIIAP (Montevideu, Uruguay).